

MIGUEL MIRANDA

A FOME DO LICANTROPO E OUTRAS HISTÓRIAS

Profissionário
Vinte e cinco histórias, ordenadas
alfabeticamente, a cada uma correspondendo
uma arte, ofício ou vocação

A fome do Licantropo

– E tem cura?

O psiquiatra olhou para o paciente. Não era seu hábito mentir.

– Terá tratamento. Cura, não.

O clínico rabiscou uma receita, de forma lenta e pausada. Mantinha o hábito de usar uma caneta de tinta permanente para escrever as prescrições, o que dava um toque arcaico ao gesto, uma mensagem subliminar de sabedoria. Não que isso fosse importante para os seus clientes. Por contingência da especialidade, só lhe apareciam na consulta alienados, loucos, maníacos, obsessivos, psicóticos, deprimidos, tarados, desparafusados, já tinha saudades de falar com alguém que tivesse o cérebro normal. Talvez a caneta fosse apenas importante para ele, um objeto onírico onde via a representação do pai... Passou a mão na testa, afastando estes pensamentos, às vezes começava a psiquiatrizar-se a ele mesmo e isso não era bom, e logo em plena consulta em que não podia baixar a guarda. Concentrou-se de novo no receituário que o caso que estava à sua frente merecia.

«Quantas vezes é preciso repetir que é uma pessoa, não um caso? Esta forma desapidada de exercer a profissão

perturba-me, estou a ficar embotado dos sentimentos, aos poucos criei uma carapaça que me torna frio e insensível aos problemas do outro. Talvez eu tenha medo do contágio, de ficar também louco ou perturbado, ou de transportar comigo os problemas num fardo cada vez maior, até se tornar insuportável.»

O licantropo olhou o psiquiatra e percebeu-lhe a indecisão ao escrever a receita. O médico parecia nervoso, o seu caso devia ser demasiado estranho para a sua formação escolástica. O modo como coçava a testa não augurava nada de bom e ele decidiu nesse mesmo momento que não tomaria os medicamentos. Pegou na receita, levantou-se e perguntou:

– Quanto lhe devo?

O psiquiatra não o imitou, deixou-se ficar atrás da trincheira da secretária e escondeu as mãos.

– Isso é com a minha secretária, à saída. Desculpe, não o vou cumprimentar, tenho as mãos sujas de tinta da caneta.

Percebeu-lhe a repulsa, os restos de sangue nos dedos e os relatos de antropofagia tinham sempre este efeito nos psiquiatras. Este era o terceiro a que recorria e parecia ser o menos mau. Falava, coisa que não acontecera com os anteriores. Talvez voltasse, só para o ouvir. Não tomaria os medicamentos, mas sentia alguma vontade de regressar.

Na sala de espera, a empregada decrépita acabara de pousar o telefone, recebendo instruções. Olhou-o por cima dos óculos como se desaprovasse alguma coisa e disse:

– O senhor doutor diz que não é nada da consulta.

Ele apreciou-a. Era velha, mas ainda estava rija. Lembrou-se de alguém que talvez tivesse estrangulado antes de

lhe provar a carne, lhe ter contado um provérbio brasileiro que lhe ficara a arder dentro do cérebro: «Galinha velha faz uma canja boa.» Esticou uma moeda à empregada rugosa e segredou-lhe:

– Um dia destes, gostava de comê-la.

Ela corou, surpreendida, recuou dez centímetros e ros-nou:

– Parvo!

O tom de voz não era de ofendida. Ele fez um sorriso de lobo, o que não lhe custava muito.

Ela baixou os olhos, indecisa. Depois rasgou um canto da folha da agenda e escreveu um número de telefone. Dobrou o papel e estendeu-lho.

– Telefone-me.

Ele riu-se.

– Assim farei. Quando estiver com fome.

Ela riu-se divertida.

– Parvo!

O licantropo saiu em passo ágil e ela ficou a imaginar como seria ser comida por um homem tão charmoso...

O psiquiatra reviu as suas notas na ficha clínica. Estava perante um caso evidente de licantropia clínica. Um homem que julgava sucessivamente transformar-se em diversos animais, desde gato, cão, cavalo, ave, lobo. E tinha fantasias de canibalismo, aparecendo com as mãos, roupas e dentes manchados de sangue, para compor o cenário. Ele retirou dois tratados de psiquiatria da estante e folheou-os até encontrar os capítulos sobre a patologia em causa. Precisava de estudar a doença, nunca lhe tinha aparecido semelhante em toda a sua vida clínica. No entanto, estavam descritos casos.

Uma coisa que o preocupava era medir a periculosidade do indivíduo, e calcular a necessidade do seu internamento, mesmo que compulsivo. O seu discurso era coerente e sensato, apenas apresentava a fantasia de se transformar em animais e anunciava práticas de canibalismo, que mais pareciam bravatas para impressionar. O seu juízo clínico e técnico dizia-lhe que o risco social do indivíduo era muito baixo. No entanto, assaltava-lhe uma dúvida: e se houvesse alguma verdade nos relatos dele de assassinatos e canibalismo? Com as mãos a tremer, consultou os jornais dos últimos dias, procurando notícias de desaparecimentos, crimes com mutilação de vítimas, mas nada encontrou. Procurou na *internet* e o resultado foi o mesmo. Respirou fundo de alívio, não encontrou qualquer relato que levantasse uma dúvida insidiosa sobre as suas certezas clínicas.

O licantropo chegou à rua e apeteceu-lhe correr. Estava farto da clausura do consultório do psiquiatra. Transformou-se em cão e trotou em direção ao jardim, sentindo o hálito fresco da relva a penetrar-lhe as narinas. Atrás de um cacho de arbustos transformou-se em cavalo e partiu à desfilada, provocando um choque em cadeia no trânsito ao cruzar a avenida. Atravessou um túnel e converteu-se em flamingo rosa, levantando voo indolente.

O psiquiatra enclavinhou os dedos e examinou o licantropo, sentado de forma displicente na cadeira. Era um homem tranquilo, não parecia nada perturbado. No entanto, os seus relatos eram alucinados.

– Não estou nada melhor. O tratamento não está a fazer efeito.

O médico não vacilou. Conseguia manter uma expressão de jogador de póquer durante horas. Falou quase sem mover os lábios, ventríloquo:

– Já reparou que não há notícias sobre os crimes que você descreve? Essas mortes e festivais de carne humana não existem nos jornais. Como explicar isso?

Olhou para o licantropo, com um ar triunfal. Ele era mestre na técnica de levar o próprio doente a reconhecer a sua loucura.

O licantropo estava entretido a tirar crostas de sangue seco do sabugo das unhas. Demorou um pouco a responder, o que parecia ao médico um sinal.

– Eu ataco e como vítimas especiais. Dedico-me aos sem-abrigo, gente que não existe, não faz falta a ninguém. Como o que me apetece e depois despacho o resto do corpo em contentores de lixo. É por isso que não há notícias. Eu sou licantropo, mas não sou parvo.

O psiquiatra abanou a cabeça e escreveu nova prescrição, dobrando as doses e acrescentando mais uma droga. Se ele não aterrassse com aquele *cocktail*, teria que passar para medicação injetável, ou até fazer-lhe uma perfusão, num soro. Mas não seria necessário, as doses cavалares que lhe prescrevera desta vez seriam suficientes para o controlar.

O licantropo correu toda a cidade e não encontrou nenhum sem-abrigo. Pareciam ter feito greve, logo naquela noite em que estava com fome. Já de madrugada, cansado de vaguear pelas ruas à procura de indigentes, encontrou no bolso o papel amarrotado com o número de telefone da secretária do psiquiatra e sorriu.

Ainda a manhã se espreguiçava e o telefone do psiquiatra tocou. A voz da secretária parecia diferente, alvoroçada. Tossia de forma um pouco forçada, explicando que não iria trabalhar nesse dia, por se encontrar adoentada. Ele estranhou, em trinta anos de serviço nunca faltara, mas pois claro, deixe-se ficar recolhida. Se precisar de um médico... Não? Claro, também não é a minha especialidade, tem razão, mas em tempos também fazia clínica, e não era mau médico, disse um pouco agastado com a falta de confiança dela. Fique em casa até estar melhor, eu cá me arranjo.

Verificou a agenda. O licantropo vinha de novo à consulta, como não lhe cobrava honorários também não precisaria de empregada.

– Estou cada vez pior. Não será melhor internar-me?

O psiquiatra rodou na cadeira e enfrentou-o com cara de jogador de póquer. Apoiou os cotovelos na secretária, sobre pôs as pontas dos dedos umas nas outras e olhou-o com um olhar que considerou fulminante.

– O seu caso não é de internamento.

O licantropo vinha desta vez particularmente sujo de sangue. O rosto, as mãos e a camisa traziam rastos de um banquete sangrento.

– Duvido. Eu acho que preciso mesmo de ser internado. A sua terapia não está a resultar.

Estava a ficar agastado pela falta de consideração e de confiança que o doente revelava nele. Este era um caso votado ao insucesso, se ele não acreditava, não conseguiria melhorar. E como não pagava, com ele só tinha prejuízo: fazia-lhe perder tempo e estragar a estatística de sucessos clínicos.

– Talvez seja melhor procurar outro médico com quem se entenda melhor.

O licantropo moveu-se na cadeira. Parecia estar desconfortável.

– Talvez seja essa a solução. Mas tenho pena, gostei de si, embora não tenha acertado na terapia, gosto de falar consigo. E gostei muito da sua secretária.

O psiquiatra ficou agradado e perplexo ao mesmo tempo. Era o primeiro doente que lhe gabava a empregada. Que veria ele naquela velha recessa?

– Ainda bem que gostou dela.

– Ainda bem, uma treta. Fez-me uma azia terrível, estou aqui que nem posso. Acabei de a matar e comer esta manhã. Era saborosa, mas agora estou com o estômago numa miséria. Não me receita alguma coisa para isso?

O psiquiatra sorriu. Tinha falado com ela ao telefone de manhã, estava ali a prova que as descrições mórbidas do licantropo não passavam de fantasias absurdas. Escreveu uma receita com um protetor gástrico e despediu-se do perturbado, com as mãos a salvo:

– Tome isto e vá procurar outro colega meu, a ver se tem melhor sorte.

O licantropo levantou-se e pousou-lhe na secretária um saco com um embrulho em plástico.

– A sua empregada, antes de morrer, disse-me que estava preocupada consigo, gostava de lhe dar uma mãozinha, aqui no consultório, e tinha pena de não poder.

O médico sorriu, curto. Fazer sair o doente do consultório era uma arte. Começou a encaminhar-se para a porta, provocando um efeito de arrastamento no paciente.

– Ela é muito conscienciosa. Teria dito isso mesmo, numa circunstância dessas.

O licantropo atravessou a fronteira entre o consultório e a liberdade e virou-se uma última vez para ele:

– De qualquer modo, agradeço-lhe ter tentado ajudar-me.

Arvorou um sorriso profissional sem palavras. Não convinha ser muito efusivo, para que ele não prolongasse mais a retirada, ou não mudasse de ideias e ficasse.

No exterior, o licantropo abriu os braços e transformou-se em albatroz, levantando voo. Apanhou uma corrente de ar ascendente e partiu para outra cidade distante, onde houvesse psiquiatras mais espertos.

O psicoterapeuta sentou-se aliviado e satisfeito. Tinha conseguido ver-se livre do licantropo. Abriu o saco que ele deixara e desembulhou um pacote de plástico que ele comportava. Horrorizado, verificou tratar-se de uma mão humana ensanguentada, decepada pelo punho. Reconheceu o anel da sua empregada e ficou em pânico. Agarrou-se ao telefone, está lá, é da polícia, eu preciso que localizem e detenham um indivíduo perigoso, meu doente, um assassino, cometeu vários crimes, não, não estou louco, eu sou psiquiatra, louco é ele, não sei se me está a perceber, ele transforma-se em lobo e come as suas vítimas, já lhe disse que não estou louco, é a pura verdade, não desligue, está a ouvir-me? Não desligue, já lhe disse, ele acabou de comer a minha empregada e mandou-me uma mão ensanguentada, não desligue, por favor, ele é mesmo perigoso, não desligue... Está lá? Está lá?